

LÍNGUA PORTUGUESA - TIPO II

Leia o texto abaixo para responder as perguntas que se seguem.

Informação não basta

Jairo Bouer¹

Muitas vezes o jovem esquece ou abandona tudo o que sabe em algum lugar da cabeça. E isso o coloca cara a cara com o risco.

Um ponto que une a atual geração de jovens é a grande quantidade de informação a que ela é exposta desde muito cedo. O conhecimento está sempre ali, à distância de poucos toques e tecladas dos dedos. O jovem aprende, de forma surpreendente e precoce, a lidar com várias fontes de informação ao mesmo tempo. Ele funciona como uma grande antena, sempre ligada, sempre captando. E faz tudo isso muito bem. O quarto de dormir virou uma espécie de quartel-general da informação. De posse de controles remotos, botões, teclado e mouse, o mundo das notícias e das novidades se abre para o jovem de hoje como os adultos, no passado, descascavam uma banana. Ficou muito mais fácil ter o conhecimento. Por outro lado, o que se vê é que muito pouco dessa informação é aproveitada pelo jovem para a construção de um mundo melhor e mais seguro para ele mesmo. Não que a informação não esteja ali, fincada de forma definitiva em seus neurônios. Mas, muitas vezes, ela é esquecida ou propositalmente abandonada, ali mesmo, dentro da cabeça. Do saber para o fazer, cria-se um abismo, diversas vezes, intransponível. E essa distância pode colocar o jovem cara a cara com o risco. Alguns trabalhos recentes que investigaram o comportamento dos jovens, principalmente em relação à sexualidade e ao uso de drogas, revelam melhor essa situação. Pesquisa do Ministério da Saúde em parceria com o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebap), de 1999, mostra que a faixa dos 16 aos 25 anos é a mais bem informada sobre Aids. No entanto, esse conhecimento não parece refletir-se em comportamento seguro. Apesar de ser a faixa etária que melhor conhece a camisinha, o uso regular ainda está longe do desejado. Quarenta e quatro por cento dizem usar sempre – garotos usam mais que garotas (53% contra 35%). A informação não impede que os jovens sejam aqueles que mais se expõem a risco sexual.

No campo das drogas, o fenômeno não é muito diferente. Em um estudo do Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas (Cebid), de 1997, o uso de drogas entre os jovens também se revelou elevado. Vinte e cinco por cento dos estudantes de ensino fundamental e médio de escolas públicas já experimentaram algum tipo de droga na vida, além do tabaco e do álcool. As campanhas e o bombardeio de informações sobre esse assunto são freqüentes, mas parecem enfrentar uma resistência ainda maior que no campo da sexualidade. Como trabalhar a informação de maneira que ela seja acessada e utilizada na hora em que for necessária? Se apenas a informação e a razão não parecem segurar o ímpeto desafiador e imprudente do

¹ Jairo Bouer é Psiquiatra e apresentador do Programa diário **Ao Ponto**, no Canal Futura.

jovem, o que fazer? As apostas se voltam para o impreciso e pantanoso mundo das emoções. Pode ser que aí repouse a chave para o entendimento do que se passa.

35 No sexo, o medo de falhar, a angústia de não saber fazer, vergonha, timidez, a sensação de que a paixão imuniza contra tudo e contra todos, a tentativa de forçar um pacto de fidelidade, a troca de um risco pretensamente calculado pela vivência mais intensa do prazer, tudo isso faz com que, na hora H, a informação fique no fundo da gaveta, junto com o pacote intacto da camisinha. Com a droga não é muito diferente: a
40 pressão dos amigos, o desejo de experimentar sensações diferentes, a promessa do passaporte para pertencer a uma turma, o desafio, a transgressão de regras e limites, o alívio de uma angústia, o prazer, a falta de opção para o lazer, o vácuo emocional nas famílias são fatores que condenam as campanhas e os trabalhos de prevenção ao esquecimento. Em São Paulo não há fim de semana em que não se leia uma notícia de acidente fatal com jovens embriagados. Poucos meses atrás, uma batida de carro em uma das
45 marginais da cidade chamou a atenção de especialistas. Um grupo de jovens morreu em mais um acidente. No bolso e na carteira de todos eles, camisinhas foram encontradas. Por que, de um lado, a prevenção estava lá no bolso, ao alcance das mãos, e, de outro, a imprudência de guiar embriagados acabou com a vida deles? Por que esse risco óbvio e imediato não foi enxergado? É como se uma pequena chave, um controle do racional, tivesse sido mudada de posição. A informação traz o mundo da razão, o mundo das regras, o mundo do real para a vida do jovem. Talvez em alguns momentos ele queira justamente esquecer esse mundo real para viver em outro, mais livre, sem limites, mais lúdico, mais emocional, onde possa fazer o que bem quiser. Dentro dessa percepção
50 distorcida, ele vê a informação como empecilho, como obstáculo, não como apoio e ajuda. Nessa hora, ele entende que a informação atrapalha e, assim, desliga esse filtro e deixa a vida exposta ao risco de acontecer. Os tempos modernos, nesse aspecto, também são mais cruéis. Talvez algumas décadas atrás, descontados certos mecanismos de controle social mais rígidos, o grau de transgressão (se é que esse indicador pode ser
60 calculado) entre os jovens fosse muito próximo do que é hoje. Mas o mundo era menos agressivo e menos violento. As drogas menos disponíveis e menos potentes, os carros menos velozes e em menor quantidade, as ruas mais tranqüilas, a vida mais calma e menos competitiva. Tudo isso, arranjado de outra maneira, em pleno século XXI, aproxima o jovem do risco. Mas o paradigma continua. Se hoje não existem limites em nossa
65 capacidade de gerar informação, há um limite claro em nossa possibilidade de transformar essa informação em objeto prático de uso e proteção da vida dos jovens. Algumas pistas são claras: a emoção tem peso fundamental nessa equação, a informação deve ultrapassar o campo da razão, o jovem de hoje, precoce e antenado, não aceita um discurso pronto e acabado, a simples proibição ou a radicalização de limites e regras é
70 inoperante no mundo atual e alguns valores fundamentais para a vida ficaram atolados na pressa e na competição do mundo atual. Um pouco de tudo isso pode orientar a qualidade das informações para um novo rumo. Talvez essa não seja uma tarefa imediatamente possível. Talvez só essa própria geração, escapando de suas derrapadas, consiga amadurecer e ampliar os elos entre a razão e a emoção para seus filhos. (BOVER, Jairo. Informação não basta. *Veja*, edição especial, São Paulo, n. 24, p. 62-63, ago. 2003, ano 36)

QUESTÃO 01

Ao afirmar que “o jovem aprende de forma surpreendente e precoce”, linhas 3 e 4, o autor acentua

- A) a eficácia do processo de manipulação do conhecimento obtido.
- B) a diversidade das informações adquiridas em curto espaço de tempo.
- C) a imaturidade dos jovens no tratamento das informações.
- D) as fontes de informação a que os jovens estão sujeitos ao mesmo tempo.

QUESTÃO 02

Na linha 5, a expressão “grande antena, sempre ligada, sempre captando”, atenta para a

- A) capacidade de geração e recepção de informações no mundo contemporâneo.
- B) ineficiência do processo de aquisição de conhecimentos dos jovens.
- C) capacidade dos jovens em adquirir e manipular informações acerca do mundo.
- D) organização das informações a que os jovens estão expostos desde muito cedo.

QUESTÃO 03

Na linha 9, a expressão “Por outro lado” contrapõe

- A) o aproveitamento das informações às ações dos jovens.
- B) o esquecimento proposital dos jovens ao conhecimento adquirido.
- C) a obtenção de informações à incapacidade de manipulá-las.
- D) o uso regular do conhecimento às situações de riscos.

QUESTÃO 04

Segundo o autor, a resistência às campanhas e às informações adquiridas resultam

- A) da capacidade de raciocínio ante os casos de riscos.
- B) da dificuldade em equilibrar as emoções e suas conseqüências.
- C) do abandono de determinados conhecimentos adquiridos.
- D) da natureza desafiadora e imprudente dos jovens.

QUESTÃO 05

Para o autor, o problema central do texto é a

- A) quantidade de informação adquirida pelos jovens.
- B) aquisição precoce de determinados conhecimentos.
- C) ineficácia do bombardeio de informações e das propagandas.
- D) incapacidade de manipular o conhecimento com proveito.

QUESTÃO 06

Ao final do texto, pode-se compreender que a inoperância das informações diante das situações de risco resulta

- A) do grau de informação em oposição aos limites sociais impostos.
- B) da radicalização dos jovens diante das regras e normas de controle.
- C) da proibição em contraposição aos valores mais fundamentais dos jovens.
- D) do discurso pronto e acabado, transmissores de valores sociais.

QUESTÃO 07

Com a expressão "o paradigma continua", linha 64, o autor refere-se ao

- A) risco a que os jovens estão sujeitos.
- B) comportamento dos jovens.
- C) processo de aquisição de informações.
- D) conhecimento que os jovens adquirem.

QUESTÃO 08

No período "Não que a informação não esteja ali, fincada de forma definitiva em seus neurônios...", linhas 11 e 12, a negação assegura

- A) a incapacidade de manipulação do conhecimento.
- B) o esquecimento proposital das informações obtidas.
- C) o abismo entre a ação e o conhecimento adquirido.
- D) a negação da informação e de sua importância.

QUESTÃO 09

Na frase, “o uso das drogas entre os jovens também se revelou elevado”, linhas 25 e 26, o termo em destaque possui um caráter

- A) adverbial, pois atribui uma circunstância ao uso da droga, comparando com a sexualidade dos jovens.
- B) pronominal, pois retoma a tese do Cebrid e a relaciona com a problemática da sexualidade dos jovens.
- C) pronominal, porque retoma a problemática da sexualidade, comparando-a com o uso de drogas.
- D) adverbial, porque atribui uma intensidade aos índices referentes ao uso da droga e à Aids.

QUESTÃO 10

No período, linhas 27 e 28, “... já experimentaram algum tipo de droga na vida, além do tabaco e do álcool.”, o elemento destacado funciona como

- A) partícula argumentativa que atenua a proposição do Cebrid sobre as drogas.
- B) operador argumentativo que acentua a precocidade do uso de drogas.
- C) aspecto temporal que apenas fixa o uso de drogas pelos estudantes.
- D) expressão denotativa de tempo sem uma função argumentativa.

QUESTÃO 11

No período “Mas o mundo era menos agressivo e menos violento.”, linha 61, o uso do conectivo “mas” possibilita estabelecer as seguintes relações:

- A) condições de vida semelhantes, comportamentos distintos dos jovens.
- B) controle social mais rígido, maior grau de transgressão dos jovens.
- C) controle social menos rígido, menor grau de transgressão dos jovens.
- D) condições de vida distintas, comportamentos semelhantes dos jovens.

QUESTÃO 12

Marque a alternativa na qual a oração em destaque tenha a mesma função sintática do termo destacado abaixo.

“Um ponto que une a atual geração de jovens é a grande quantidade de informações a **que** ela está exposta desde muito cedo.”

- A) ... sensação **de que a paixão imuniza contra tudo e contra todos.**
- B) Alguns trabalhos recentes **que investigaram o comportamento dos jovens...**
- C) A informação não impede que os jovens sejam aqueles **que mais se expõem a risco sexual.**
- D) ... o vácuo emocional nas famílias são fatores **que condenam as campanhas e os trabalhos de prevenção ao esquecimento.**

LITERATURA - TIPO II**QUESTÃO 13**

No rondó X, **O amante infeliz**, de Silva Alvarenga, o emprego do estribilho abaixo denota

*Glaura! Glaura! Não respondes?
E te escondes nestas brenhas?
Dou às penhas meu lamento;
Ó tormento sem igual!* (p. 65)

- A) ausência da amada.
- B) sentimentalismo exacerbado.
- C) alegoria da figura da amada.
- D) nativismo confessional.

QUESTÃO 14

Leia o texto abaixo, de **Caderno H**, de Mário Quintana.

OS RUÍDOS DA CIDADE

Não, não tenhas escrúpulos: se, alta noite, meteres uma bala no ouvido, os vizinhos pensarão - polidamente - que foi apenas um pneu que estourou. (p. 71)

No texto citado, o poeta retrata:

- A) o anonimato e a polidez das pessoas que são vizinhas.
- B) o barulho da cidade que provoca o suicídio do poeta.
- C) a solidão e o isolamento do homem nas grandes cidades.
- D) a interação das pessoas da cidade se realizando em todos os níveis.

QUESTÃO 15
CONSTELAÇÕES

Cruzeiros, Carros, até a Ursa, a maior e a menor, a Cabeleira de Berenice, a Lira, a Balança, o Cão... quanta bobagem descobriram no Céu esses astrônomos birutas! Eu, de ignorante, quando olho o Céu, não vejo nada disso. Apenas vou traçando o teu nome com as estrelas. (p. 70)

RUÍNAS & CONSTRUÇÕES

Tão belo como um edifício em construção contra um céu azul, só mesmo um edifício em ruínas contra o mesmo céu. O que importa é o céu azul. (p. 36)

Nos textos de **Caderno H** acima, o poeta

- A) revela sua ignorância quanto aos nomes científicos dos elementos do universo e o desejo de escrever um poema satírico sobre o céu azul e as estrelas.
- B) critica a intervenção do homem na natureza e o uso de artifícios materiais.
- C) tem uma concepção da natureza como algo já perdido e irrecuperável pela poesia, devido à intervenção do homem moderno.
- D) desconstrói o poder de criação renovadora da palavra poética.

QUESTÃO 16
DA DIFÍCIL FACILIDADE

É preciso escrever um poema várias vezes para que dê a impressão de que foi escrito pela primeira vez. (p.121)

CAUSA MORTIS

Os poetas morrem de parto.(p. 130)

Os poemas acima, de **Caderno H**, demonstram

- A) preocupação com os provérbios e a linguagem popular.
- B) preocupação em conceituar uma poética através de epigramas e máximas.
- C) plena consciência dos convencionalismos poéticos do Parnasianismo.
- D) plena consciência metalingüística do fazer poético.

QUESTÃO 17

“Se eu tivesse um revólver àquela hora, eu a teria matado – mas não tinha revólver e se tivesse também não teria feito nada (preciso ler menos a última página do jornal)” p. 122

O fragmento acima, do conto **Tremor de terra**, sugere

- A) uma anotação desnecessária e sem sentido. É apenas um efeito narrativo que dá um caráter surreal ao conto.
- B) a forte influência que o jornal e seus textos sobre crimes passionais exercem no narrador e na sua pré-concepção de história de amor.
- C) a presença da morte e da violência urbana e a necessidade de se desarmar a população.
- D) uma história de amor impossível entre a professora casada e seu aluno e o desejo desse último em cometer um assassinato.

QUESTÃO 18

Um dia igual aos outros, de **Tremor de terra**, é um conto que narra

- A) um dia de um funcionário de uma repartição igual aos outros dias, sem novidade, sem interrupção, apenas o cotidiano.
- B) a compulsão de um funcionário público em anotar todas os detalhes sem importância da rotina do escritório, sem atentar para o sofrimento dos colegas.
- C) a história de um funcionário de uma repartição que reflete sobre seus colegas de trabalho, sobre o choro constante e incompreensível de Canarinho e sobre a necessidade do colega psicólogo de etiquetar as pessoas.
- D) o diálogo de um funcionário de repartição com seu diário e sua decepção com a falta de novidade e a repetição das mesmas frases e expressões.

QUESTÃO 19

O silêncio, as reticências, as interrogações e as falas fragmentadas, no conto *Confissão* de **Tremor de terra**, são importantes pois

- A) retratam a dificuldade do narrador em abordar o pecado.
- B) demonstram a dificuldade de comunicação entre o clero e a população leiga.
- C) revelam o constrangimento do padre pudico em tratar de assunto sexual.
- D) estabelecem a tensão narrativa, revelando o caráter, as intenções e a curiosidade do padre em relação à moça.

QUESTÃO 20

Qual a temática central do livro **O homem**, de Aluísio Azevedo?

- A) A concepção científica de um caso patológico de histeria.
- B) As relações de trabalho marcadas pelo capitalismo.
- C) O impedimento amoroso do par romântico causado pela diferença social.
- D) A interferência da religiosidade na formação do caráter psicológico das mulheres românticas.

QUESTÃO 21

Como o aspecto determinista do Naturalismo se manifesta nas personagens do livro **O homem**?

- A) Na ida para o convento de Tia Camila e na viuvez do Conselheiro Pinto Marques.
- B) No trabalho do Dr. Lobão e na sexualização do Cristo de marfim.
- C) No servilismo de Justina, na preocupação do Conselheiro com a filha Magdá.
- D) Na doença de Magdá e no projeto de vida de Luís e Rosinha.

QUESTÃO 22

Apesar de a narrativa do livro **O coronel e o lobisomem** retratar os grandes feitos de Ponciano Azeredo Furtado, é **CORRETO** afirmar que

- A) o coronel apresenta-se como um herói romântico, fadado à subserviência política.
- B) sua personalidade contraditória o conduz do fracasso ao sucesso e ao final feliz de sua existência.
- C) o coronel possui uma vida solitária e vazia, o que se contrapõe à empáfia e ao poder sugeridos pelo relato de suas memórias.
- D) o herói se mantém fiel às tradições familiares e religiosas, não dilapidando os bens que lhe conferem posição e prestígio.

QUESTÃO 23

A referência do narrador a si mesmo em 3ª pessoa, em **O coronel e o lobisomem**, demonstra

- A) o desdobramento do narrador-personagem, evidenciando a construção ficcional de um herói.
- B) a mobilidade espacial do coronel, dividido entre os mundos rural e urbano, mítico e fantástico.
- C) a sucessão cronológica dos fatos, o uso do *flash-back* como recurso estilístico das memórias do coronel.
- D) o registro da fala de terceiros sobre os feitos heróicos do coronel, sua mitificação e sua personalidade caricata.

QUESTÃO 24

O texto que vem logo após o título do livro **O coronel e o lobisomem**, “*Deixados do Oficial Superior da Guarda Nacional, Ponciano de Azeredo Furtado, natural da Praça de São Salvador de Campos dos Goitacases*”, sugere uma narrativa de memórias. Que estranhamento é revelado ao final do texto?

- A) A valorização dos feitos heróicos do coronel, sendo sua história confirmada pelas diversas vozes narrativas que contribuem para a composição do epílogo.
- B) O fato de o coronel narrar sua própria morte, contrariando a tradição de uma narrativa em primeira pessoa.
- C) A contribuição das vozes narrativas das mulheres com as quais o coronel se envolveu, revelando aspectos secretos desses relacionamentos que depreciam a figura do amante.
- D) A pluralidade das vozes narrativas que compõem a obra, possibilitando o distanciamento do leitor que pode, ao final, depreender a força política do coronel.

BIBLIOGRAFIA

ALVARENGA, Manuel Inácio da Silva. *Glaura: poemas eróticos*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

AZEVEDO, Aluísio. *O homem*. Rio de Janeiro: Garnier, 2003.

CARVALHO, José Cândido de. *O coronel e o lobisomem*. 46 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

QUINTANA, Mário. *Caderno H*. 9. ed. São Paulo: Globo, 2003.

VILELA, Luiz. *Tremor de terra*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1977.

FILOSOFIA - TIPO II**QUESTÃO 25**

“Olhem com atenção o seguinte exemplo: Quando se diz ‘Moisés não existiu’, isto pode significar diversas coisas. Pode significar: Os israelitas não tiveram *um* guia quando saíram do Egito – ou: seu guia não se chamava Moisés – ou: não houve um homem que tivesse realizado tudo o que a Bíblia narra a respeito de Moisés – ou etc., etc. - Segundo Russell, podemos dizer: o nome ‘Moisés’ pode ser definido por meio de diferentes descrições. Como, p. ex.: ‘O homem que conduziu os israelitas através do deserto’, ‘O homem que viveu neste tempo e neste lugar e a quem, naquela época, chamavam ‘Moisés’, que em criança foi retirado do Nilo pela filha do Faraó’, etc. E, dependendo da definição que aceitamos, a proposição ‘Moisés existiu’ adquire um outro sentido, assim como qualquer outra proposição que trate de Moisés. – E se nos dizem ‘N não existiu’, questionamos também: ‘O que você tem em mente? Quer dizer que..., ou que..., etc?’” (WITTGENSTEIN, Ludwig. *Investigações Filosóficas*. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 58)

O exemplo dado pelo autor aponta para os seguintes aspectos da linguagem:

- I) a definição de um nome pode ser feita por várias descrições;
- II) o nome perde o sentido quando se faz mais de uma definição;
- III) de acordo com a definição do nome, a proposição adquire novo sentido;
- IV) a proposição tem sentido independente da definição;
- V) a definição colabora para a clareza do sentido do nome.

Estão **CORRETAS** as afirmativas

- A) I, II e IV.
- B) II, III e V.
- C) III, IV e V.
- D) I, III e V.

QUESTÃO 26

“Chamamos relativas às coisas quando se diz que elas estão na dependência de outras, porque a sua existência está de algum modo relacionada com outras. Assim, maior diz-se maior porque consiste em ser dito em relação a outra coisa, porque maior diz-se de alguma coisa; e dizemos dobro o que é dito dobro de outra coisa; e o mesmo ocorre com todos os termos análogos. São também relativos termos quais: estado, disposição, sensação, conhecimento, posição, e todos eles se explicam mediante uma referência a outro, e por mais nada. O estado é dito estado de alguma coisa, o conhecimento, conhecimento de algo, a posição, posição de alguma coisa, e assim sucessivamente. São portanto relativos os termos cuja substância é a de serem ditos dependentes de outros, ou de se referirem de algum modo a outros. Por exemplo, dizemos que um monte é alto apenas em comparação com outro, dado ser em relação a outro que o monte é alto; o semelhante diz-se do semelhante a qualquer coisa, e os demais termos da mesma natureza dizem-se por virtude do mesmo carácter de relação.” (ARISTÓTELES. *Categorias*. In: _____. *Organon*. Lisboa: Guimarães Editores, 1985. p. 68-69)

De acordo com Aristóteles,

- A) a relação existe por si só, independentemente de outras coisas.
- B) a relação existe na dependência com outras coisas.
- C) a sensação, estado e disposição são explicadas por si só.
- D) as substâncias independentes de outras são relativas.

QUESTÃO 27

Da associação de idéias

“É evidente que há um princípio de conexão entre os diferentes pensamentos ou idéias do espírito humano e que, ao se apresentarem à memória ou à imaginação, se introduzem mutuamente com certo método e regularidade. E isto é tão viável em nossos pensamentos ou conversas mais sérias que qualquer pensamento particular que interrompe a seqüência regular ou o encadeamento das idéias é imediatamente notado e rejeitado. Até mesmo em nossos mais desordenados e errantes devaneios, como também em nossos sonhos, notaremos, se refletimos, que a imaginação não vagou inteiramente a esmo, porém havia sempre uma conexão entre as diferentes idéias que se sucediam. Se se transcrevesse a conversa mais solta e mais livre, notar-se-ia imediatamente alguma coisa que a ligou em todas as suas transições. E se esse princípio faltasse, quem quebrou o fio da conversa poderia ainda informar-vos que havia secretamente esclarecido em seu espírito uma sucessão de pensamentos, os quais o tinham desviado gradualmente do tema da conversa.” (HUME, David. Das Associações de idéias. In: _____. *Investigações acerca do entendimento humano*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1972. p. 20-21)

De acordo com Hume, “há um princípio de conexão entre os diferentes pensamentos ou idéias do espírito humano” porque

- A) os pensamentos desordenados e errantes interrompem a conexão das diferentes idéias.
- B) as conversas soltas e livres dispersam a conexão das idéias.
- C) há no espírito humano uma seqüência ou encadeamento de pensamentos ou idéias.
- D) o desvio do tema de uma conversa mostra a interrupção da sucessão do pensamento.

QUESTÃO 28

“Há uma inteligente tendência em nossos dias, no sentido de se eliminar a idéia de que necessariamente tem-se que falar ou escrever complexamente quando se pretende comunicar ciência. Depois que Descartes afirmou que o que é pensado com clareza é dito com simplicidade, muitos ainda continuaram a urdir uma linguagem de iniciados, zelosos de sua ‘intocável’ posição de especialistas. Outros, no entanto, têm buscado encontrar maior exatidão exatamente na linguagem simples.

Ora, muitas vezes, toda a equipe que colabora em uma pesquisa precisa compreender bem o conteúdo da hipótese de trabalho. Não necessariamente todos os membros de uma equipe de pesquisa são cientistas. Dentre eles podem estar técnicos de áreas diversificadas. Daí que, se a linguagem for simples, todos terão possibilidade de entender a colocação hipotética. Contudo, é mister que se localize o exato termo médio entre a *complexidade* e o *simplismo*. Aliás, o segundo pode prejudicar mais a exposição científica do que o primeiro. *Simplismo* é estreiteza de visão, às vezes desleixo, quando não um modo de subestimar a inteligência do leitor. Simplismo implica sempre em incompletude, unilateralismo – coisas péssimas para as colocações científicas. Simplicidade exige, ao mesmo tempo, inteligibilidade e completude, transparência e exatidão (na medida do possível)”. (MORAIS, Regis. *Filosofia da Ciência e da Tecnologia*. Campinas: Papyrus, 1997. p. 67-68)

De acordo com o texto, todas as alternativas são verdadeiras, **EXCETO**

- A) depois de Descartes muitos ainda continuam usando uma linguagem complexa.
- B) a tendência em nossos dias é a de usar uma linguagem complexa para a comunicação da ciência.
- C) a linguagem deve ser clara para que cientistas e não cientistas a compreendam.
- D) a compreensão da hipótese depende da simplicidade da linguagem.

QUESTÃO 29

“Na formação do espírito científico, o primeiro obstáculo é a experiência primeira, a experiência colocada antes e acima da crítica – crítica esta que é, necessariamente, elemento integrante do espírito científico. Já que a crítica não pode intervir de modo explícito, a experiência primeira não constitui, de forma alguma, uma base segura. Vamos fornecer inúmeras provas da fragilidade dos conhecimentos primeiros, mas desejamos, desde já, mostrar nossa nítida oposição a essa filosofia fácil que se apóia no sensualismo mais ou menos declarado, mais ou menos romanceado, e que afirma receber suas lições diretamente do *dado* claro, nítido, seguro, constante, sempre ao alcance do espírito totalmente aberto.

Eis, portanto, a tese filosófica que vamos sustentar: o espírito científico deve formar-se *contra* a natureza, contra o que é, em nós e fora de nós, o impulso e a informação da Natureza, contra o arrebatamento natural, contra o fato colorido e corriqueiro. O espírito científico deve formar-se enquanto se reforma”. (BACHELAR, Gaston. *A Formação do espírito científico*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996. p. 29)

De acordo com o texto, na formação do espírito científico,

- A) a crítica é desnecessária ao cientista.
- B) os conhecimentos da experiência primeira têm base segura.
- C) Bachelar aceita a filosofia que se apóia no sensualismo.
- D) a experiência primeira é o primeiro obstáculo, porque ela ocorre antes da crítica.

QUESTÃO 30

Considere o seguinte trecho.

“A *Criatividade* é a aptidão de criar ao mesmo tempo o problema e sua solução, em todo caso a de cerrar formas constituídas de elementos disparatados, fragmentos de pensamento, átomos de raciocínio, que denominaremos: *Semantemas*. Aqui retomamos o quadro da teoria da Informação definindo a Criatividade como: *a aptidão particular do espírito no sentido de rearranjar os elementos do ‘Campo de consciência’ de um modo original e suscetível de permitir operações em um ‘campo fenomenal’ qualquer*”. (MOLES, Abraham A. *A criação científica*. São Paulo: Perspectiva, 1998. p. 59)

De acordo com o texto,

- A) semantema é a denominação dada a fragmentos de pensamentos e átomos de raciocínio.
- B) os semantemas constituem pensamentos e idéias completas.
- C) a Criatividade é uma aptidão universal do espírito.
- D) os elementos do “Campo de consciência” impossibilitam operação no “campo fenomenal”.

QUESTÃO 31

“O motivo que leva os homens a entrarem em sociedade é a preservação da propriedade; e o objetivo para o qual escolhem e autorizam um poder legislativo é tornar possível a existência de leis e regras estabelecidas como guarda e proteção às propriedades de todos os membros da sociedade, a fim de limitar o poder e moderar o domínio de cada parte e de cada membro da comunidade; pois não se poderá nunca supor seja vontade da sociedade que o legislativo possua o poder de destruir o que todos intentam assegurar-se entrando em sociedade e para o que o povo se submeteu a legisladores por ele mesmo criados. Sempre que os legisladores tentam tirar e destruir a propriedade do povo, ou reduzi-lo à escravidão sob poder arbitrário, entra em estado de guerra com ele, que fica assim absolvido de qualquer obediência mas, abandonado ao refúgio comum que Deus providenciou para todos os homens contra a força e violência. Sempre que, portanto, o legislativo transgredir esta regra fundamental da sociedade, e por ambição, temor, loucura ou corrupção, procurar apoderar-se ou entregar às mãos de terceiros, o poder absoluto sobre a vida, liberdade e propriedade do povo perde, por esta infração ao encargo, o poder que o povo lhe entregou para fins completamente diferentes, fazendo-o voltar ao povo, que tem o direito de retomar a liberdade originária e, pela instituição de novo legislativo, conforme achar conveniente, prover à própria segurança e garantia, o que constitui o objetivo da sociedade” (LOCKE, John. Segundo Tratado sobre o Governo.

In: *Os Pensadores*. Tradução de E. Jacy Monteiro. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 121)

Analise as afirmativas abaixo:

- I) a presença da propriedade originou a organização da sociedade;
- II) o Poder Legislativo pode tirar e destruir a propriedade;
- III) o Legislativo perde o poder quando transgredir as regras da sociedade;
- IV) o Poder Legislativo cria leis e regras para proteger as propriedades;
- V) o Poder Legislativo tem poder absoluto sobre a vida, liberdade e propriedade.

Estão **CORRETAS** as afirmativas:

- A) I, II e V.
- B) I, III e IV.
- C) II, IV e V.
- D) II, III e IV.

QUESTÃO 32

“No Reino dos fins, tudo tem um preço ou uma dignidade. Quando uma coisa tem um preço, pode-se pôr em vez dela qualquer outra como equivalente; mas quando uma coisa está acima de todo o preço, e portanto não permite equivalente, então tem ela dignidade.

O que se relaciona com as inclinações e necessidades gerais do homem tem um preço venal; aquilo que, mesmo sem pressupor uma necessidade, é conforme a um certo gosto, isto é a uma satisfação no jogo livre e sem finalidade das nossas faculdades anímicas, tem um preço de afeição ou de sentimento; aquilo porém que constitui a condição só graças à qual qualquer coisa pode ser um fim em si mesma, não tem somente um valor relativo, isto é um preço, mas um valor íntimo, isto é dignidade.

Ora a moralidade é a única condição que pode fazer de um ser racional um fim em si mesmo, pois só por ela lhe é possível ser membro legislador no reino dos fins. Portanto a moralidade e a humanidade enquanto capaz de moralidade, são as únicas coisas que têm dignidade.” (KANT, Immanuel. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Tradução de Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 1988. p. 77)

De acordo com o trecho acima, todas as afirmativas estão corretas, **EXCETO**

- A) ter dignidade significa ter um valor acima de todo preço.
- B) a moralidade tem um valor íntimo e um fim em si mesma.
- C) “a humanidade, enquanto capaz de moralidade”, tem dignidade.
- D) a dignidade tem um preço venal ou de afeição ou de sentimento.

QUESTÃO 33

“É verdade que nas democracias o povo parece fazer o que quer; mas a liberdade política não consiste nisso. Num Estado, isto é, numa sociedade em que há leis, a liberdade não pode consistir senão em poder fazer o que se deve querer e em não ser constrangido a fazer o que não se deve desejar.

Deve-se ter sempre em mente o que é independência e o que é liberdade. A liberdade é o direito de fazer tudo o que as leis permitem; se um cidadão pudesse fazer tudo o que elas proibem, não teria mais liberdade, porque os outros também teriam tal poder” (MONTESQUIEU, Charles. *Do espírito das leis. Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p.155-156)

De acordo com Montesquieu,

- A) a liberdade consiste em fazer tudo que as leis proibem.
- B) na democracia, ser livre é fazer o que se quer.
- C) a liberdade consiste no direito de fazer tudo o que as leis permitem.
- D) fazer tudo o que as leis proibem é agir com liberdade.

QUESTÃO 34

“Há uma maneira diferente de ser feliz, quando cada um possui a felicidade em concreto. Há quem seja feliz simplesmente em esperança. Estes possuem a felicidade de um modo inferior ao daqueles que já são realmente felizes. Mas, ainda assim, estão muito melhor que aqueles que não têm nem a felicidade, nem a sua esperança. Mesmo estes devem experimentá-la de qualquer modo, porque, no caso contrário, não desejariam ser felizes. Ora, é absolutamente certo que eles o querem ser”. (AGOSTINHO de Hipona. Confissões. In: *Os Pensadores*. Tradução de J. Oliveira Santos, S. J. e A Ambrósio de Pina, S. J. São Paulo: Nova Cultural, 1999. p. 279, 285)

De acordo com o trecho, Agostinho entende que

- A) há diferentes formas de o homem ser feliz, porque a felicidade faz parte de seu ser.
- B) a esperança é o grau supremo da felicidade.
- C) os esperançosos possuem a felicidade de um modo superior.
- D) os que são realmente felizes possuem felicidade de modo inferior.

QUESTÃO 35

“O resultado geral a que cheguei e que, uma vez obtido, serviu-me de fio condutor aos meus estudos pode ser formulado em poucas palavras: na produção social da própria vida, os homens contraem relações determinadas, necessárias e independentes de sua vontade, relações de produção estas que correspondem a uma etapa determinada de desenvolvimento das suas forças produtivas materiais. A totalidade destas relações de produção forma a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se levanta uma superestrutura jurídica e política, e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo em geral de vida social, político e espiritual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser, mas, ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência”. (MARX, Karl. Prefácio à crítica da economia política. In: *Os Pensadores*. v. 35, p. 135).

De acordo com o pensamento de Marx,

- A) a consciência dos homens determina o seu ser.
- B) o modo de produção afasta o homem da vida social.
- C) o ser social determina a consciência dos homens.
- D) a consciência independe da estrutura econômica.

QUESTÃO 36

“O ser em relação aos outros não é apenas uma relação de ser autônomo e irredutível: enquanto ‘ser-com’ ela é uma relação que, como o ser do ser-aí, já está aí. É indiscutível que um intenso conhecimento pessoal mútuo, fundado no ser-com, depende freqüentemente de até onde cada ser-aí conhece-se a si mesmo na ocasião; mas isto quer dizer que esse conhecimento depende apenas de até onde o essencial ser-com-os-outros de alguém o tem tornado transparente e não o tem disfarçado. Isso é possível somente se o ser-aí, enquanto sendo-no-mundo, já é com os outros. A ‘empatia’ não é o constitutivo primeiro do ser-com; unicamente enquanto fundada no ser-com a empatia pode tornar-se possível. Ela recebe sua motivação da insociabilidade dos modos dominantes de ser-com.” (HEIDEGGER, Martin. *Todos nós... ninguém*. Um enfoque fenomenológico do social. São Paulo: Moraes, 1981. p. 46)

De acordo com Heidegger,

- A) conhecer o ser-aí depende de abrir-se ao ser-com.
- B) a relação “ser-com” é uma relação diferente da do ser do ser-aí.
- C) o conhecimento pessoal mútuo independe do ser-aí conhecer a si mesmo.
- D) é importante manter o disfarce na relação ser-com-os-outros.

HISTÓRIA - TIPO II

QUESTÃO 37

“A intervenção do Estado fazia parte integrante da doutrina mercantilista. Os responsáveis pelo Governo aceitaram as noções mercantilistas e a elas submeteram sua política porque viram nelas o meio de fortalecer o Estado absolutista contra as sobrevivências do particularismo medieval dentro do país e, no estrangeiro, contra seus rivais”. (ROLL, Eric. *História das doutrinas econômicas*, 1972)

Faziam parte da política mercantilista:

- A) o protecionismo fiscal, protegendo a economia nacional da competição mercantil com outros países, e a unificação dos pesos e medidas, favorecendo o comércio e ajudando a unificar os estados.
- B) o livre-cambismo, estimulando a livre-concorrência com outras nações capitalistas, e a hegemonia da burguesia industrial no parlamento, favorecendo a implementação da Revolução Industrial.
- C) a abolição da propriedade privada, fortalecendo o Estado em detrimento da iniciativa privada, e a coletivização das terras, modernizando a agricultura através do auxílio técnico estatal.
- D) a economia natural, caracterizando-se pela escassez de moedas e comércio, e a cobrança de tributos como a corvéia, privilegiando a exploração dos servos pelos senhores feudais e pela Igreja.

QUESTÃO 38

“... solene cerimônia, tão levantadeira de almas, ato tão de fé, a procissão compassada, a descansada leitura das sentenças, as descaídas figuras dos condenados, as lastimosas vozes, o cheiro da carne estalando quando lhe chegam as labaredas e vai pingando para as brasas a pouca gordura que sobejou dos cárceres.” (SARAMAGO, José. *Memorial do convento*).

A Inquisição moderna perseguiu, torturou e executou

- A) comerciantes, usurários e traficantes de escravos africanos.
- B) judeus, muçulmanos e acusados de bruxaria e heresia.
- C) católicos, ortodoxos e praticantes de ritos litúrgicos.
- D) cruzados, jesuítas e demais ordens religiosas dogmáticas.

QUESTÃO 39

“Os castigos cruéis e excessivos eram usualmente os motivos que os abolicionistas davam para a alta mortalidade dos escravos, mas (...) o simples descaso desempenhava um papel mais significativo do que a crueldade direta (...). Os escravos que eram ‘mal alimentados, mal vestidos, expostos a todos os danos do ar e submetidos a um trabalho quase contínuo’ não podiam preservar sua saúde ou resistir aos ataques das doenças. O resultado era uma inevitável ‘despovoação’ entre escravos, ou, como admitia o autor de um manual do agricultor, a América ‘devorava’ os negros”. (KARASCH, Mary C. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro, 1808-1850*, 2000)

Considerando as mazelas da escravidão no Brasil, que atitudes podemos creditar aos escravos diante da dominação senhorial?

- A) A passividade total em razão da sua coisificação e a perda de sua humanidade, tornando-os incapazes de resistência.
- B) A satisfação geral pela ampla liberdade existente no cativeiro, demonstrada nos festejos e folguedos populares.
- C) A negação da escravidão apenas por meio dos quilombos e de insurreições, recusando qualquer tipo de negociação.
- D) A resistência direta ao cativeiro pelos quilombos, insurreições e fugas e a negociação de alguns direitos com os senhores.

QUESTÃO 40

“A Revolução Francesa se situa (...) no coração mesmo da história do mundo contemporâneo, na encruzilhada das diversas correntes sociais e políticas que dividiram as nações e ainda dividem. Filha do entusiasmo, inflama os homens pela recordação das lutas pela liberdade e pela independência, bem como pelo seu sonho de igualdade fraternal – ou suscita o ódio de muitos. Filha das luzes, concentra os ataques do privilégio e da tradição, ou seduz a inteligência pelo seu imenso esforço no sentido de organizar a sociedade sobre fundamentos racionais” (SOBOUL, Albert. *História da Revolução Francesa*, 1974)

São indicativos de realizações da Revolução Francesa:

- A) a conservação dos privilégios da nobreza e a monarquia absolutista de direito divino.
- B) o retorno à vida comunal camponesa e aos valores tradicionais nas aldeias e vilas.
- C) a abolição da propriedade privada, a igualdade social e a ditadura do proletariado.
- D) o fim dos privilégios feudais, a igualdade dos direitos civis e o Estado liberal laico.

QUESTÃO 41

“... a quantidade total de terra cercada era de oito a nove vezes maior do que a atingida no período anterior, abarcando cerca de uma quinta parte da acreagem do país. Pouco surpreende que a consciência tenha levado até mesmo o Conde de Leicester à confissão franca: Sou como o ogro da lenda e devorei todos os meus vizinhos”. (DOBB, Maurice. *A evolução do capitalismo*, 1980)

Como os cercamentos de terra, na virada dos séculos XVIII e XIX, se inseriram no processo de formação do capitalismo?

- A) Causaram um retorno à feudalização dos campos e à servidão da gleba, impossibilitando a obtenção de trabalhadores rurais pelas indústrias urbanas.
- B) Propiciaram a fixação do campesinato nas terras de uso comum, superando a servidão e desenvolvendo a pequena propriedade familiar.
- C) Expropriaram os camponeses dos meios de produção, expulsando-os de suas terras, fornecendo mão-de-obra para as indústrias e fazendas capitalistas.
- D) Representaram a coletivização das terras, com a criação de cooperativas, e o incremento de maquinário e novas técnicas agrícolas.

QUESTÃO 42

“O nacionalismo emergente no final do século XVIII no Brasil é, na base, anticolonialista. A consciência nacional começa a despertar e passa a não ser contida pelas estruturas do Estado dentro do qual emerge. Para o Brasil, há que levar sempre em conta a variação regional dessa tomada de consciência, que não se submete a uma linha rígida e coerente; os exemplos de Minas Gerais e Bahia são expressivos para mostrar tal variação”. (MOTTA, Carlos Guilherme. *Idéia de revolução no Brasil – 1789/1801*, 1989)

Quanto aos movimentos políticos da América Portuguesa, é **CORRETO** afirmar que

- A) as chamadas inconfidências do final do século XVIII, por aspirarem a emancipação política do domínio metropolitano, se diferenciavam das revoltas nativistas contra a política colonial opressiva, mas que não deixaram de reconhecer a legitimidade do poder da Coroa.
- B) os movimentos nativistas, assim como as inconfidências do final do século XVIII, nunca se opuseram ao domínio colonial, caracterizando-se pela luta entre os interesses de grupos das elites coloniais, sem pretender a emancipação política em relação à Coroa portuguesa.
- C) os movimentos políticos do final do século XVIII tinham como base ideológica as idéias socialistas, traziam a novidade da luta de classes, pretendiam a abolição da propriedade privada, ao contrário das revoltas nativistas, favoráveis apenas ao fim do pacto colonial.
- D) as sedições políticas do final do século XVIII restringiram-se à luta pela abolição da escravatura, sem questionar a legitimidade da administração colonial pela metrópole, que foi a bandeira de luta dos movimentos nativistas, motivados pela opressão fiscal lusa.

QUESTÃO 43

“O certo é que se os marcos cronológicos com que os historiadores assinalam a evolução social e política dos povos não se estribassem unicamente nos caracteres externos e formais dos fatos, mas refletissem a sua significação íntima, a independência brasileira seria antedatada de quatorze anos, e se contaria justamente da transferência da corte em 1808. Estabelecendo no Brasil a sede da monarquia, o Regente aboliu *ipso facto* o regime de colônia em que o país então vivera.” (PRADO JÚNIOR, Caio. *Evolução política do Brasil*. 2. ed. 1947)

A chegada de D. João VI ao Brasil representou

- A) a proclamação da República em Portugal logo após a partida do Rei e o desinteresse na política colonial dos monopólios e das proibições de atividades industriais, incompatível com o liberalismo.
- B) a transformação do Rio de Janeiro em sede do Império português, dotando a colônia de instituições administrativas próprias, e a abolição do monopólio metropolitano no comércio e na indústria.
- C) o conflito entre o império ultramarino português e a Inglaterra, prejudicada com a abertura dos portos às nações amigas, favorável à França e à burguesia industrial da América portuguesa.
- D) o recrudescimento da política colonial, com a recriação das companhias de comércio, dos monopólios reais e dos alvarás proibindo as manufaturas, causando revoltas republicanas no Sudeste.

QUESTÃO 44

Resultados de uma expedição colonialista francesa na África Ocidental, no fim do século XIX. (Apud WESSELING, H.L. *Dividir para dominar: a partilha da África - 1880-1914*. 1998)

A corrida colonialista do século XIX teve como características:

- A) a afirmação do “relativismo antropológico”, com o reconhecimento da originalidade e da importância das culturas aborígenes e a preservação das sociedades tribais.
- B) a universalização da civilização européia, com as revoluções industriais “terceiro-mundistas”, a integração racial e a difusão de valores do humanismo cristão.
- C) a globalização dos mercados e a difusão de uma cultura “pós-moderna”, com a generalização da robótica, da informática e das percepções relativistas e pragmatistas.
- D) a conquista de mercados fornecedores de matérias-primas e consumidores de manufaturados, o “darwinismo social” e a submissão e dizimação de comunidades locais.

QUESTÃO 45

“O messianismo e o cangaço definiram os limites da rebeldia camponesa no âmbito do coronelismo, da forma peculiar de poder da República Velha que se personificava diante do camponês rebelado.” (MARTINS, José de Souza. *Os camponeses e a política no Brasil*, 1981)

Revoltas como a de Canudos e do Contestado, no princípio da República Velha, tiveram como fatores:

- A) o ímpeto imigratório dos camponeses e o objetivo de se tornarem operários.
- B) a luta pela terra e a contestação das relações de dependência do coronelismo.
- C) o jacobinismo republicano e a invasão das terras dos fazendeiros monarquistas.
- D) o fanatismo religioso e pregação da humildade e obediência aos coronéis.

QUESTÃO 46

“Nas atuais circunstâncias, nossa única via passa por leis gerais decretadas pelo poder de Estado (...). Ao conquistar tais leis, a classe operária não fortalece as forças governantes. Pelo contrário, ela as transforma de adversárias dos trabalhadores em seus agentes. Ela obtém por leis gerais o que seria sem sentido tentar ganhar por qualquer montante de esforço individual.” (MARX, Karl. Apud SINGER, Paul. *A Cidadania para todos*. In: PINSK, Jaime & PINSK, Carla B. *História da cidadania*. São Paulo: Contexto, 2003)

A criação de leis sociais ou trabalhistas no mundo capitalista, consolidando direitos dos trabalhadores no Brasil e no mundo, foram frutos da

- A) organização das comunidades libertárias e anarquistas que, demonstrando a harmonia social e a felicidade de uma sociedade sem propriedade e classes sociais, persuadiram as burguesias a abandonarem gradualmente o regime capitalista.
- B) organização da classe trabalhadora em associações filantrópicas e assistencialistas, inspiradas pela religiosidade e pelas tradições familiares de origem rural, substituindo o desgastante conflito de classes pela harmonia da cooperação cristã.
- C) ação dos sindicatos e de partidos operários, socialistas ou comunistas, com greves e reivindicações de direitos sociais, e da necessidade dos Estados de preservar a ordem capitalista, incorporando parcialmente as demandas dos trabalhadores.
- D) ação da burguesia e dos Estados liberais, pondo em prática os princípios do liberalismo clássico de Adam Smith e de John Locke, que pregavam a igualdade jurídica e social entre os homens, a socialização do lucro e o “fim social da propriedade”.

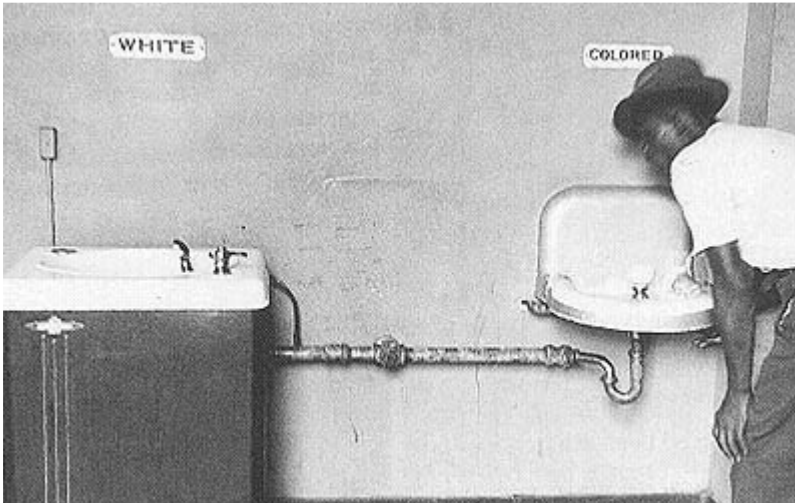
QUESTÃO 47

Foto AP. WHITE: BRANCO e COLORED: "DE COR"

Nos Estados Unidos dos anos 1950, despontava o movimento pelos Direitos Civis, liderado por Martin Luther King. Esse movimento combatia

- A) a proposta dos republicanos de imigração maciça forçada de negros americanos para a Libéria, Estado africano então criado para tal fim, ameaçando a estrutura social dos EUA pela escassez de mão-de-obra e minando as bases eleitorais dos democratas.
- B) a ascensão do movimento comunista norte-americano, com a criação do Partido Comunista dos EUA, a politização dos sindicatos e os comícios antiamericanos, por meio dos quais os bolcheviques estadunidenses buscavam minar o "american way of life".
- C) a segregação e discriminação dos negros nos EUA, sobretudo nos estados do Sul, onde os mesmos eram obrigados a ceder lugar aos brancos nos transportes coletivos, freqüentar escolas, vestiários e banheiros separados e impedidos de votar.
- D) a excessiva liberdade concedida aos negros americanos pelo governo democrata de Franklin Roosevelt, quando foram garantidas prioridades para os então chamados de afro-americanos nas escolas públicas, nos serviços de saúde e nos empregos federais.

QUESTÃO 48

“As nações do mundo pra cá mandaram
Os seus capitais desinteressados
As nações, coitadas, queriam ajudar, não é?
(...)
Começaram a nos vender e a nos comprar
Comprar borracha, vender pneu
Comprar minério, vender navio
Pra nossa vela, vender pavio
Só mandaram o que sobrou de lá
Matéria plástica, que entusiástica,
que coisa elástica, que coisa drástica
Rock balada, filme de mocinho
Ar refrigerado e chiclet de bola
E coca-cola...”

(Trecho de *O Subdesenvolvido*, de Carlos Lyra e Francisco Assis, de 1962, obra também conhecida como “hino” da União Nacional dos Estudantes).

As relações do Brasil com os EUA, na década de 1960, eram de

- A) dependência, com a remessa de lucros pelas empresas multinacionais, o impacto da indústria cultural norte-americana e a ingerência política dos EUA, culminando no golpe de 1964.
- B) reciprocidade, com a globalização dos mercados em todo o mundo, a fusão étnico-cultural eletrônica e cibernética e a administração do Estado por técnicos politicamente neutros.
- C) independência, com a hegemonia do capital nacional nas indústrias de bens duráveis e de produção e na indústria cultural nascente, na defesa da reforma agrária e no combate ao latifúndio.
- D) conflito, com a implantação do socialismo por João Goulart, a reforma agrária sem indenização, a nacionalização das empresas estrangeiras e a reserva de mercado para a cultura nacional.